

Distribuição de Bolsas Produtividade em Pesquisa na UFMG: Uma questão de Gênero

Distribution of Research Productivity Scholarships at in UFMG: A Question of Gender

*Viviane Angélica Silva **

** Universidade de São Paulo (USP)*

Resumo: Este artigo apresenta dados referentes à distribuição das bolsas produtividade em pesquisa do CNPq distribuídas entre os docentes da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) no ano de 2007, considerando a categoria gênero. O ano de 2007 foi extremamente importante para a maior universidade mineira, considerando que marca os oitenta anos da instituição. O texto começa registrando esse momento, que suscitou amplo debate na universidade sobre a sua vocação. Na sequência, busca compreender como as ideias de universidade, ciência e tradição podem desvelar desigualdades de gênero. Este artigo resulta de pesquisas do Programa Conexões de Saberes na UFMG que propôs mapear os processos (in) visíveis de exclusão na academia a partir da realidade da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Palavras-chave: Bolsa Produtividade. Gênero. Ciência. UFMG.

Abstract: This paper presents data on the distribution of research productivity scholarships CNPq, distributed among teachers of UFMG (Minas Gerais Federal University) in 2007, considering the gender category. The year 2007 was extremely important to the university, considering that marks the eightieth anniversary of the institution. The text begins recording this moment, which happened extensive debate at the university about his vocation. After, it proposed to understand how ideas of university, science and tradition may reveal gender inequalities. This article results from research of Knowledge Connections Program in UFMG which proposed mapping the processes of (in) visible in the university exclusion from the reality of the Minas Gerais Federal University (UFMG).

Keywords: Research Productivity Scholarships. Gender. Science. UFMG.

Sentimentos do mundo: mundo grande, uma introdução¹

A Universidade Federal de Minas Gerais completou oitenta anos de fundação no ano de 2007. Foi importante momento de comemorações e balanços. O ano de 2007 foi marcado por um calendário de atividades. A programação foi extensa, com muitos concertos, espetáculos, publicação de livros, lançamentos, eventos acadêmicos, exposições e ciclos de conferências. Sob a insígnia “Sentimentos do Mundo”², esse calendário mobilizou a comunidade acadêmica belorizontina. Uma prestigiosa lista de intelectuais de renome no Brasil e no mundo trouxeram suas reflexões nos ciclos de conferências, na qual figurou dentre outros/as, o antropólogo Marshall David Sahlins, o escritor moçambicano Mia Couto, o cineasta norte-americano David Lynch e o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Em conferência intitulada *Para além do pensamento abissal: das linhas globais à ecologia dos saberes*, Boaventura argumentou que as linhas abissais que estabeleceram demarcações entre o Velho Mundo e o Novo Mundo no processo de colonização persistem na estrutura do pensamento moderno ocidental que ainda sustentam as relações políticas e culturais de exclusão no sistema mundial contemporâneo. O autor estabelece assim, a associação entre a injustiça social global à injustiça cognitiva. A superação da injustiça social global exige a construção de um pensamento pós-abissal. Santos (2007) caracteriza o pensamento moderno como pensamento abissal, num sistema que distingue o visível do invisível. As condições de visível ou invisível são instauradas por linhas radicais que dividem a realidade social em dois lados. O lado invisível simplesmente é banido como existente. O pensamento abissal não concebe como possível a existência contemporânea dos dois lados. O lado que existe, a metrópole, se sustenta na exclusão radical de um campo de realidade relevante, que é, portanto invisibilizado, a colônia. No campo do conhecimento, o pensamento abissal estabelece a distinção entre ciência e a não-ciência. De um lado da fronteira, gozando de estatuto de superioridade, está a razão científica, advinda de apurados métodos que distingue as formas de verdade científicas e as

¹ Este artigo resulta de pesquisas do *Programa Conexões de Saberes* na UFMG que propôs mapear os processos (in) visíveis de exclusão na academia a partir da realidade da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O *Programa Conexões de Saberes* é um programa de pesquisa e extensão, no âmbito do MEC e da (SECAD) desenvolvido junto às Universidades Federais. Atua em duas frentes prioritárias: aproximar as instituições públicas de ensino superior das comunidades populares, movimentos sociais e escolas públicas e melhorar as condições para a permanência dos/as estudantes de origem popular nas universidades federais. O Programa tem a coordenação da professora Cláudia Mayorga e está vinculado ao Núcleo de Psicologia Política da FAFICH/UFMG.

² “Sentimentos do Mundo” foi o tema escolhido pela Universidade Federal de Minas Gerais na ocasião dos oitenta anos da universidade. Toda a programação dos 80 anos da UFMG se encontra disponível online e pode ser acessada pelo endereço: <<http://www.ufmg.br/80anos/index.html>>.

não científicas ou conhecimentos alternativos, como a teologia e filosofia (quando verificáveis). Do outro lado estão os conhecimentos que desaparecem como relevantes ou comensuráveis. Nesta condição estão os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, dentre outros. Deste lado não há conhecimento real, mas crenças, opiniões, idolatria, intuição, que na melhor das hipóteses, podem fornecer matéria prima para a investigação científica.

O artigo de Boaventura de Sousa Santos no contexto das comemorações dos 80 anos da universidade federal mineira é contemporâneo à publicação especial da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, a *Diversa*, que em sua edição de maio de 2007 é toda dedicada à história da instituição. A matéria referente à fundação da universidade, diz que *O sonho universitário uniu povo e elites*³, a partir do momento em que o então presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos, assinou no dia 07 de setembro de 1927, a lei que criou a Universidade de Minas Gerais. Ainda segundo a matéria, a federalização da universidade aconteceu em 1949, criando a necessidade de contar a história pregressa da mesma. Em 1952 o momento de fundação é retratado numa tela do pintor Gentil Garcez, que desse modo “materializa o esforço de invenção da tradição”. A tela retrata a presença apenas de *homens* (intelectuais e políticos), embora o sonho da universidade seja creditado a toda a sociedade.

A edição comemorativa da *Diversa* informa também como foi inaugurada a tradição científica da UFMG. Na matéria “*Eles desbravaram o mundo da ciência*”⁴, os expoentes da ciência mineira são Baeta Vianna, Marcos dos Mares Guia e Wilson Beraldo, havendo ainda indicação de *outros*, cujos nomes não foram listados. O único artigo dessa edição que traz a participação das mulheres na construção dessa universidade intitula-se: “*Obcecados por uma Meta, algumas das principais experiências educacionais em curso no país, nasceram na UFMG*”⁵. O artigo está localizado na seção *Educação*, e conta os desafios de quem empreende esforços para traçar rumos na educação brasileira e sua vinculação com a universidade. No periódico, a primeira mulher citada na história das ciências exatas da universidade é Beatriz Alvarenga, que foi professora de Física e coautora de um manual de ensino da disciplina, que se tornou um *best-seller*. É, pois com a sub-representação feminina, ou simplesmente sua inexistência que a UFMG funda a sua tradição, a exemplo de várias outras universidades no Brasil e no mundo ocidental.

³ <http://www.ufmg.br/diversa/11/fundacao.html> Acesso em 10 dez. 2007.

⁴ <http://www.ufmg.br/diversa/11/pesquisa.html> Acesso em 10 dez. 2007

⁵ <http://www.ufmg.br/diversa/11/educacao.html>

Canção do berço: um discurso sobre as mulheres nas Ciências.

Em seu trabalho sobre as narrativas fundadoras do feminismo brasileiro nos anos de 1970, Pedro (2006) informa que de um modo geral o feminismo brasileiro estabeleceu suas bases referendando-se na luta francesa e norte-americana. O estabelecimento da noção de gênero como categoria analítica e a ênfase em questões especificamente feministas aconteceram por ocasião do processo de abertura política do país, no final da década de 1970 (Sarti, 2004). Apesar das divergências sobre a importância explicativa da biologia para as diferenças sexuais, o conceito de gênero aponta de um modo geral, para o caráter social da construção de distintas masculinidades e feminilidades (VIANNA, 2001). Assim os diferentes conceitos de gênero têm resgatado o caráter histórico, social e cultural das hierarquias estabelecidas a partir dos corpos femininos e masculinos, bem como o caráter dinâmico das relações de gênero, em função das transformações experimentadas por diferentes culturas e sociedade ao longo da história.

Evitando incorrer nos abusos do uso do conceito de gênero (CASTRO, 2001), esse trabalho considera a importância desse conceito baseado nas concepções de Scott (1990), para quem gênero é entendido como elemento constitutivo de relações sociais pautadas nas diferenças sexuais percebidas e primordial para a significação das relações de poder. Segundo Scott (1988), a conotação política do construto *gênero* se evidencia na condição de instrumento científico que legitima as lutas feministas, seja na sociedade como um todo, seja no campo da produção de conhecimento. Leta (2003) informa que historicamente a ciência é compreendida como uma atividade tradicionalmente masculina. Apesar da qualificação e competência, a presença feminina foi censurada nas sociedades e academias científicas. Somente na segunda metade do século XX quando aumenta a demanda por recursos humanos para atividades estratégicas como a ciência e com o avanço das lutas feministas, é que se verifica maior acesso das mulheres à educação científica e carreira acadêmica.

Revisitado a bibliografia referente aos estudos sobre as mulheres na ciência, Leta (2003) aponta que até a década de 1970 era pequeno o interesse sobre a temática, o que foi sendo modificado a partir dos anos de 1980. A presença da mulher na ciência foi se configurando gradativamente como linha de pesquisa em múltiplas abordagens disciplinares. A partir dos anos 1990, instituições como a UNESCO, entram cada vez mais em cena para discutir e propor ações para a inclusão feminina nas atividades de ciência e tecnologia (C&T).

No que diz respeito à realidade da mulher na ciência brasileira, segundo Leta (2003) é insuficiente os dados até então sistematizados sobre a presença feminina na

produção científica brasileira. Para a autora, ou a produção nessa área é pequena, ou está muito dispersas. Novos horizontes têm se configurado e apesar de recente a institucionalização da ciência no Brasil, aqui também se verificou crescimento da presença feminina na atividade a partir da década de 1980, apesar da falta de dados sistemáticos mais consistentes. A autora aponta como esforços pioneiros nesse sentido, o trabalho do Núcleo de Estudos Sobre a Mulher, criado em fins da década de 1980 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dados mais recentes por sua vez, mostram que as mulheres já são maioria entre os alunos matriculados e concluintes no ensino superior, embora sejam ainda minoria no quadro docente das universidades e em 2003 representassem ainda um terço da população economicamente ativa. (LETA, 2003).

Entender a presença dos diversos sujeitos na produção científica requer a consideração de muitos dispositivos institucionais. A distribuição das bolsas de produtividade, por exemplo, é um importante termômetro do reconhecimento acadêmico e institucional do/a docente e a sub-representação feminina nos melhores indicadores do CNPq é sintoma da hierarquia de gênero na produção científica (LETA, 2003). Acrescenta-se ainda que a distribuição de alunos/as (e conseqüentemente) de professores/as nas e áreas do conhecimento está condicionada ao prestígio de cada curso (BRAGA, 2006). Sendo assim, além do reconhecimento científico e do prestígio por área, quais outros fatores explicariam a maior frequência de mulheres nas áreas da saúde e humanas (LETA, 2003) e a concentração de negro/as, sobretudo na área de ciências humanas (TEIXEIRA, 2003)? Conforme indica Farah (2003), importa identificar onde e como as desigualdades se manifestam e quais são seus impactos. A diversidade de sujeitos coletivos que compõe a docência do ensino superior indica também a multiplicidade dos sistemas de hierarquias e privilégios presentes na sociedade referentes às condições de gênero e raça.

Contos de aprendiz: Apresentando a pesquisa e sua metodologia

A pesquisa iniciou-se em agosto de 2007 terminou em abril de 2008. Este trabalho consistiu no levantamento de dados a fim de mapear professores/as produtividade por cursos⁶. Além disso, também foi feito um levantamento quantitativo de professores/as que trabalhavam na UFMG durante o ano de 2007 procurando revelar diferenças de classe, gênero e ainda a proporção entre efetivos/as e substitutos/as nas diversas unidades da UFMG. Conforme consta no regimento interno da UFMG, as denominações de classe

⁶ O presente artigo se baseia no conjunto de dados que essa pesquisa construiu e que podem ser consultados no relatório de pesquisa disponível na página do Programa Conexões de Saberes na UFMG

podem ser: Adjunto, Associado, Assistente, Titular, Auxiliar⁷. Já a distribuição entre efetivos e permanentes diz respeito à situação de trabalho

Foram coletados dados sobre a população docente da universidade em duas direções. Na primeira, investigou-se como ocorre a distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa na UFMG. Para isso, foi recuperada a lista de professores/as da instituição que são bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq (UFMG, 2007). A seguir, consultou-se o currículo Lattes de cada professor/a, para identificar a qual departamento/curso está ligado/a e em que categoria e nível de bolsa de pesquisa está classificado/a. A partir dessas informações, foi construído um banco de dados sobre a distribuição dos bolsistas de produtividade em pesquisa na UFMG.

Na segunda fase (2008), a partir de dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Recursos Humanos, e tratamento das informações, foi feito um mapeamento do perfil que contemplou todos os/as professores/as da UFMG de modo a informar sua situação de vínculo (se são efetivos/as, substitutos/as ou visitantes) e de categoria (auxiliar, assistente, adjunto/a, titular, especial) – buscou explicitar as diferenças das posições ocupadas por professores e professoras na UFMG.

As informações geradas nessas duas fases apontaram como possibilidade de correlações e análise entre as categorias trabalhadas: gênero e a distribuição de reconhecimento acadêmico dentro do fazer científico, a partir das bolsas de produtividade.

Poema da Necessidade: Entender a distribuição da Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Segundo consta na página eletrônica do CNPq, a Bolsa de Produtividade em Pesquisa visa promover o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Tem como maior objetivo a valorização do/a pesquisador/a e o incentivo a seu trabalho. Porém a valorização da produção científica se dá de acordo com critérios normativos estabelecidos pelo CNPq.

Como exposto no site da UFSC, este é:

instituição voltada primordialmente para a promoção da capacidade científica e tecnológica nacional, sempre buscou consolidar a matéria prima essencial a essas atividades, os recursos humanos de alta qualificação. Assim, logo após a fundação da instituição, em 1951,

⁷ Estas denominações serão mais bem especificadas abaixo.

foram criadas as bolsas de estudo e de pesquisa, ambas objetivando incentivar a dedicação exclusiva à pesquisa e estimular o ingresso no ambiente científico e tecnológico (CNPq, 1989). Em relação às bolsas para pesquisa, no princípio não existia nenhuma regulamentação específica, o que só veio a ocorrer a partir de 1955, ano em que se passou à adoção de normas e procedimentos voltados à análise e concessão dos benefícios. Paulatinamente, foram sendo efetuadas modificações no sistema, até como forma de ajuste à evolução dos tempos. Outras transformações ocorreram. Em 1975, foi introduzido um acordo entre o pesquisador detentor da bolsa e o CNPq. No ano seguinte, foram criados níveis hierárquicos, classificando os pesquisadores de acordo com sua qualificação. Passou a vigorar a exigência do título de mestre para concorrer à bolsa A classificação, segundo os níveis hierárquicos, vigora até hoje, com algumas pequenas modificações. A alteração mais significativa foi a exclusão do menor nível, destinado a contemplar os pesquisadores portadores unicamente do título de mestre. Com a decisão de permitir que somente doutores tivessem acesso à bolsa de Produtividade em Pesquisa, a Agência nada mais fez do que reconhecer a elevação da qualificação dos pesquisadores nacionais. (NIEDERAUER, 1998, p. 1).

De acordo com as normas do CNPq, para se candidatar é necessário que o/a pesquisador/a possua no mínimo o título de doutor/a ou perfil científico equivalente, seja brasileiro/a ou estrangeiro/a em situação regular no país e dedique-se as atividades constantes no seu pedido de bolsa. As bolsas ofertadas pelo CNPq são concedidas em função do Mérito da proposta àqueles/as pesquisadores/as que satisfaçam os pré-requisitos do Conselho.

A bolsa de Produtividade em Pesquisa tem duração máxima de 36 (trinta e seis) meses, podendo ser renovada, por igual período, dependendo do desempenho do/a bolsista no período anterior. De acordo com a norma em vigor (CNPq, março/2006) são três as categorias de classificação em produtividade oferecidas pelo CNPq:

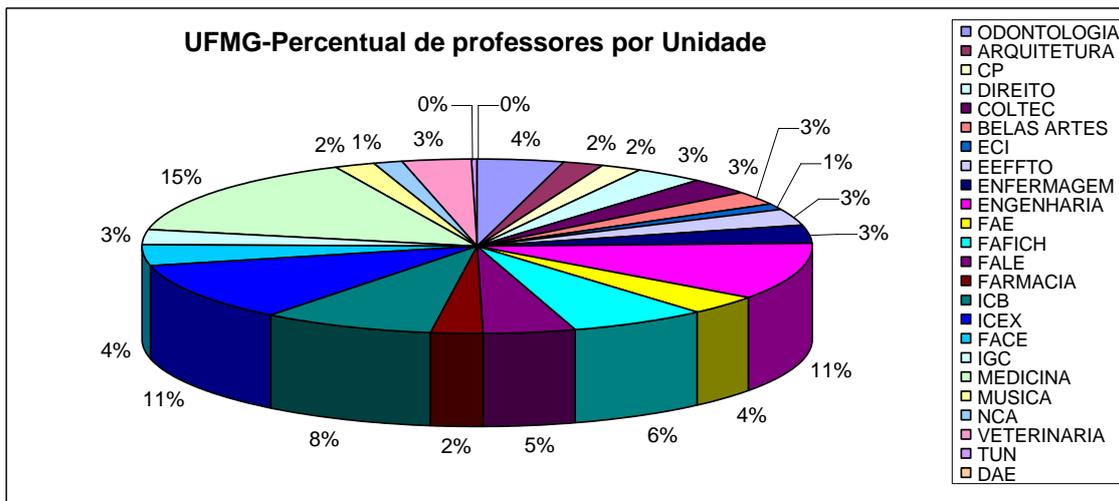
- Pesquisador Sênior, aquele que permanecer por quinze anos, no mínimo com bolsa de Produtividade em Pesquisa na categoria, nível A ou B, do CNPq, por ininterrupta produção científica,
- Pesquisador nível um: deve possuir no mínimo cinco anos de doutorado completos pela ocasião da análise pelo Comitê de Assessoramento,
- Pesquisador nível dois: dois anos, no mínimo, de doutorado por ocasião da análise da proposta da ocasião pelo Comitê de Assessoramento.

Ainda de acordos com dados coletados através do portal do CNPq o/a pesquisador/a da categoria um poderá ser classificado em quatro diferentes níveis (A, B, C ou D). A classificação é feita de acordo com a produção científica, participação na formação de recursos humanos e sua contribuição para a área, estabelecido por comparação com seus pares.

O elenco dos/as cronistas modernos/as (Parte 1): um perfil da docência na UFMG.

Como evidenciado pelo gráfico 1, a maior parte dos/as professores/as da UFMG pertencem as áreas de biomédicas e exatas

Gráfico1



Para compreender esses dados é necessário conhecer com funciona a organização da universidade no que se refere às questões de classe dos/as docentes e para isto foram extraídos alguns artigos do Regimento Geral do UFMG, o qual no CAPÍTULO II, que se refere ao Corpo Docente, faz as seguintes exposições:

SUBSEÇÃO II Dos Professores Auxiliares

Art. 115 - O provimento na classe de Professor Auxiliar será feito por ingresso mediante concurso público de títulos e provas, em que poderão inscrever-se os portadores de diploma de graduação em curso superior, ou titulação mais elevada.

SUBSEÇÃO III Dos Professores Assistentes

Art 116 - O provimento da classe de Professor Assistente será feito:

I - por progressão vertical;

II - mediante habilitação em concurso público, em que poderão inscrever-se os portadores do grau de Mestre ou de grau mais elevado.

SUBSEÇÃO IV Dos Professores Adjuntos

Art. 117 - O provimento na classe de Professor Adjunto será feito:

I - por progressão vertical;

II - mediante habilitação em concurso público, em que poderão inscrever-se portadores do grau de Doutor ou de Livre-Docente.

SUBSEÇÃO V Dos Professores Titulares

Art. 118 - o provimento na classe de Professor Titular será feito exclusivamente por ingresso mediante concurso público de títulos e provas, a que poderão concorrer Professores Adjuntos e portadores do título de Doutor ou de Livre-Docente, bem como pessoas de notório saber.

SUBSEÇÃO VI Dos Professores de 1º. e 2º. Graus

Art. 121 - O ingresso na carreira do magistério de 1º. e 2º. graus terá lugar mediante habilitação em concurso público de provas e títulos ao qual se aplicam as disposições dos artigos 104 a 108 e 112 deste Regimento Geral.

Art. 122 - Além do previsto no inciso IV do artigo 105 deste Regimento Geral, o Conselho Universitário, ouvido o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, disporá sobre as matérias dos artigos 109

a 111 e 113, bem como dos parágrafos 1º. e 2º. do artigo 118, no que for aplicável aos concursos para o magistério de 1º. e 2º. graus.

SUBSEÇÃO VII Do Professor Visitante e do Substituto

Art. 123 - Poderá ser contratada como Professor Visitante, pelo prazo máximo de 2 (dois) anos, vedada a renovação, pessoa de reconhecida competência, para atender a programa especial de ensino ou pesquisa.

§ 1º. - A admissão de Professor Visitante dependerá de proposta fundamentada, aprovada por 2/3 (dois terços) de votos da Câmara Departamental, em que seja apresentado o plano de trabalho a ser executado e analisado o "curriculum vitae" do indicado.

§ 2º. - A proposta do Departamento será submetida à aprovação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

§ 3º. - A remuneração do Professor Visitante será fixada conforme a qualificação do indicado.

Art. 124 - O Conselho Universitário disporá sobre normas para contratação de Professor Substituto.

Art. 126 - O docente sujeito ao regime de 40 (quarenta) horas com dedicação exclusiva ficará impedido de exercer outra atividade remunerada fora da Universidade, ressalvadas as seguintes hipóteses, com prévia autorização da Congregação ou colegiado equivalente, ouvido o respectivo Departamento:

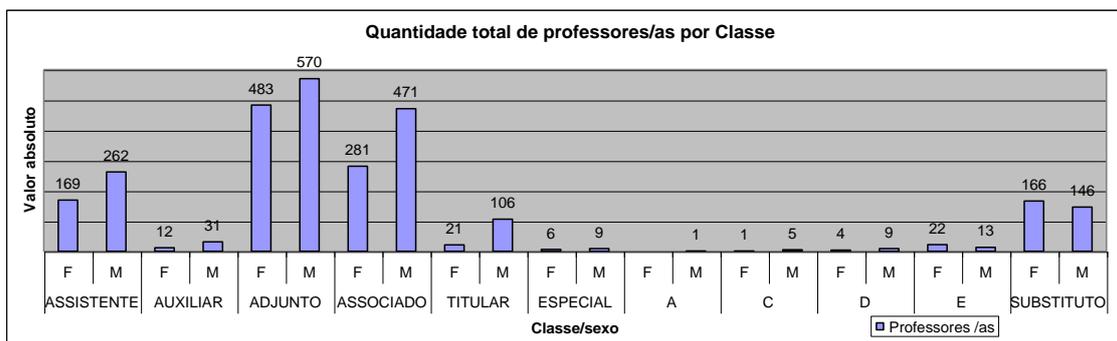
I - exercício em órgãos de deliberação coletiva, desde que relacionados com o cargo ou emprego de magistério;

II - desempenho eventual, sem prejuízo dos encargos de magistério, de atividade de natureza científica, cultural ou técnica destinada à difusão ou aplicação de ideias e conhecimentos.

A partir do conhecimento dessas nomenclaturas, torna-se mais simples expor os dados obtidos. A partir do agrupamento geral de professores da UFMG é possível notar que a maior parte dos/as professores/as são adjuntos/as e associados/as o que corresponde a quase 65% do corpo docente da Universidade destes um pouco mais de 41% são mulheres. Porém em nenhum momento o Regimento cita as nomenclaturas "Especial", "A, B, C, D e

E”. Contudo, ao compararmos com os dados da Pró –RH, é possível afirmar que se tratam de classificações internas de professores de 1º e 2º Graus, as quais não são especificadas no referido regimento. Esses professores estão alocados em sua maioria, conforme mostraram os dados, no Centro Pedagógico (CP) e no Colégio Técnico (Coltec).

Gráfico 2



Como pode ser visualizado, em 2007, havia na UFMG 2.788 professores/as universitários, deste total, 569 professores/as, o equivalente a 20,4% estavam enquadrados/as em um dos níveis de produtividade do CNPq como bolsistas produtividade em pesquisa. Este restrito percentual é indicativo do nível de seletividade exigido para atingir a condição de pesquisador/a dessa categoria.

A observação desses dados releva ainda a assimetria da configuração das categorias docentes em função do gênero. As mulheres estão sub-representadas nas classes mais relevantes que são Adjuntos, Associados, Assistentes e Titular e estão mais frequentes na categoria Substituto.

A canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte: Distribuição das Bolsas Produtividade na UFMG. Onde estão as bolsistas?

Na Universidade Federal de Minas Gerais, segundo dados obtidos através da pró-reitoria de Recursos Humanos, no ano de 2007, a maioria dos/as 2.788 professores/as tem como regime de trabalho a dedicação exclusiva. Como dito anteriormente, trata-se do Art 126 do Regimento interno da Universidade. O equivalente a 1/5 estão enquadrados em um

dos níveis de produtividade do CNPq divididas em categorias, como mostra a tabela 1:

Tabela 1: Relação professor por nível de produtividade

Sexo X Nível De Produtividade em Pesquisa no CNPq

SEXO	NIVEL DE PRODUTIVIDADE CNPq							Total
	1 ^a	1B	1C	1D	2	S/N*	SR	
FEMININO	9	12	23	31	116	16	0	207
MASCULINO	42	23	48	60	157	31	1	362
Total	51	35	71	91	273	47	1	569

* não constava no currículo lattes a categoria no momento da pesquisa

Como apresentado, o número de professores/as com este tipo de auxílio não alcança um quarto do total de pesquisadores/as e professores/as da Universidade Federal de Minas Gerais.

Um detalhe que pode ser visualizado nos gráficos que se seguem é a disparidade entre homens e mulheres. O que pode ser explicado pela própria história da constituição das ciências e principalmente pela negação do acesso da mulher a educação que se perpetuou durante séculos. Ao analisarmos esses dados evidencia-se que a mulher ainda se encontra muito aquém nas áreas de tecnologia e exatas.

Traduzindo em números absolutos são 362 homens e 207 mulheres a compor o grupo seletivo de pesquisadores selecionados através do mérito pelo CNPq. Existe um considerável distanciamento no que se refere ao gênero destes/as professores/as, como exemplo tem-se a Escola de Engenharia onde há 59 homens para 15 mulheres e o Instituto de Ciências Exatas onde estão locados 84 pesquisadores homens e apenas 28 mulheres.

Quando se cruzam os cursos /departamentos e gênero evidencia-se ainda mais esta disparidade. Pela tabela 3, o departamento de Física aparece como exemplo onde a concentração de homens equivale a sete vezes o número total de mulheres. Apenas nas áreas de licenciatura a relação homem /mulher se encontra menos distanciada. Isso não quer dizer que os homens continuem a predominar, tendo como exceções cursos como o de letras e de Pedagogia onde a quantidade de pesquisadoras ultrapassa a de pesquisadores.

Tabela 2: Relação entre cursos e departamentos (com maior número de professores bolsistas de produtividade em pesquisa), e sexo

CURSOS E DEPARTAMENTOS RELACIONADOS	SEXO		Total
	FEMININO	MASCULINO	
D. BIOLOGIA GERAL	1	9	10
D. BIOQUÍMICA E IMUNOLOGIA	8	13	21
D. CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO	3	11	14
PEDAGOGIA/LICENCIATURA	13	8	21
D. ENGENHARIA ELÉTRICA	0	14	14
D. ENGENHARIA METALÚRGICA E DE MATERIAIS	4	12	16
VETERINÁRIA	8	21	29
D. FÍSICA	5	38	43
D. HISTÓRIA	8	4	12
D. MATEMÁTICA	3	12	15
D. MICROBIOLOGIA	6	9	15
D. QUÍMICA	14	15	29
FARMÁCIA	9	6	15
LETRAS	29	9	38
MEDICINA	14	27	41

Outro ponto a ser considerado é o lugar em que estas pesquisadoras estão enquadradas nas categorias/ nível do CNPq. Como mostrado anteriormente na tabela 1, existe apenas uma pequena representação de mulheres nos níveis mais elevados do CNPq, havendo uma grande concentração destas na categoria dois. O que traz reflexões sobre o acesso das mulheres na área da pesquisa. Tal ocorrência nos mostra que muito ainda precisa ser feito para minimizar a grande desigualdade existente entre gêneros.

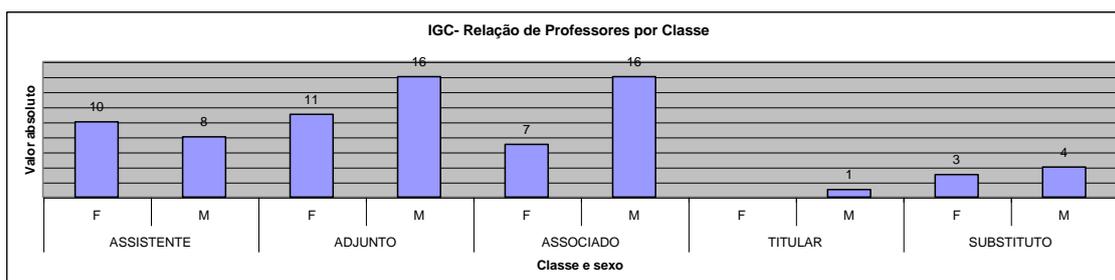
A observação dos dados dos bolsistas produtividades revela muitas lacunas. Algumas já foram apontadas, como a distribuição por gênero, outras são bem mais difíceis de serem apontadas, implicitamente, pois são camufladas pela ausência de dados. Leta (2003) conclui que apesar do crescimento da participação das mulheres nas atividades de pesquisa, suas chances de sucesso e reconhecimento ainda são reduzidas, numa inserção que tem sido desprestigiada quanto às ocupações de cargos e disputa por reconhecimento. A ascensão docente feminina esbarra em impedimentos simbólicos, “uma espécie de teto de vidro”, enquanto a ascensão docente masculina caminha sobre uma “escada rolante de vidro” encontrando cada vez menos obstáculos (CARVALHO, 1996).

O elenco dos/as cronistas modernos/as (Parte II): concentração de Professores/as por Departamentos e Distribuição dos/as Bolsistas Produtividade em pesquisa do CNPq.

Para uma melhor visualização do perfil dos docentes da UFMG, encontram-se a seguir gráficos que informam o percentual de professores/as, gênero e classe por departamentos de algumas Unidades Acadêmicas, que foram selecionadas por ter mais de um curso e pela quantidade de professores bolsistas de produtividade em pesquisa. O desmembramento dos valores foi feito para possibilitar uma melhor percepção do contexto.

No Instituto de geociências a maior parte dos professores são homens (45) o que corresponde a 60% do total.

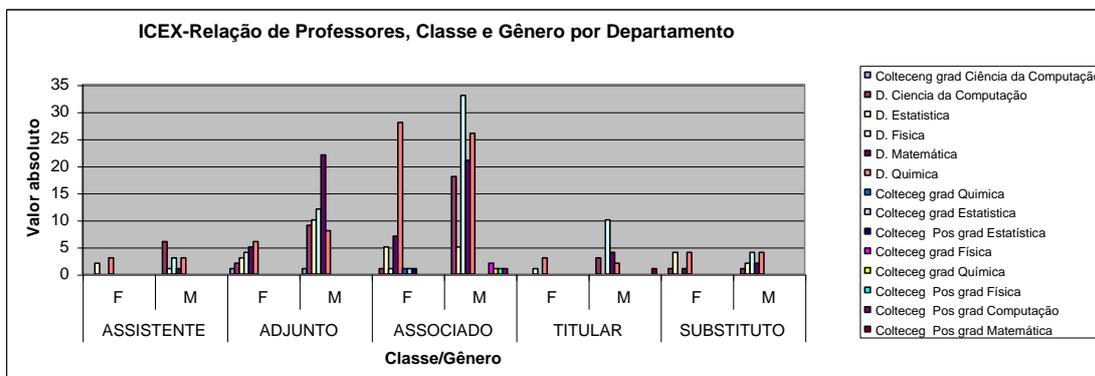
Gráfico 3



Agrupando as classes em um mesmo gráfico e retirando-se o quesito departamento, é possível visualizar ainda melhor a diferença de gênero. Nas classes mais altas o número de mulheres é inferior ao de homens, o que prevalece no gráfico abaixo que especifica o departamento de Geografia, onde as mulheres só ultrapassam a quantidade de homens na classe de assistente.

No ICEX tem-se cinco departamentos, sendo que nesta unidade há 302 professores/as destes, 101 professores/as, ou um pouco mais de 1/3 são bolsistas de produtividade em pesquisa.

Gráfico 4

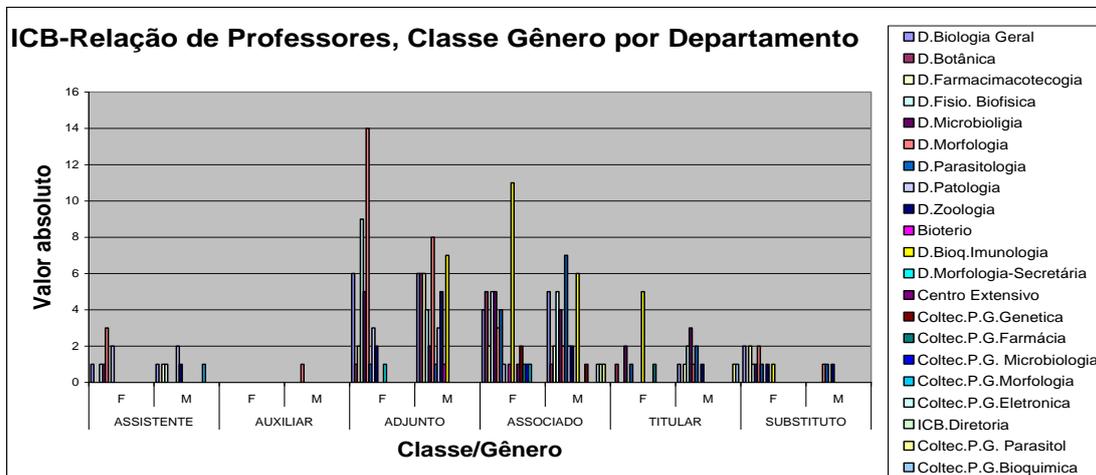


Como evidencia o gráfico 4, no geral a maior parte dos professores desta unidade são homens (217) o que corresponde a 72% do total. Das 85 mulheres 42 são professoras no departamento de Química, e a maioria destas mulheres são professoras associadas (28), o que nos faz refletir sobre o lugar que ocupam na universidade.

No departamento de Ciências da Computação tem-se 41 professores/as, na maioria homens, destes, 14 são bolsistas de produtividade em pesquisa. Na Física tem-se 68 professores/as, destes 43, ou seja, 63,2% estão em algum dos níveis de bolsa produtividades em pesquisa no CNPq, ainda neste departamento podemos verificar uma grande discrepância na classe de professores/as associados/as onde trabalham 33 homens e uma mulher.

Com relação ao Instituto de Ciências Biológicas analisando a quantidade de professores/as por departamentos vemos que na maioria dos casos o número professoras é inferior ao de professores. No entanto, destaca-se o Departamento de Morfologia, onde o número de mulheres é superior ao de homens.

Gráfico 5

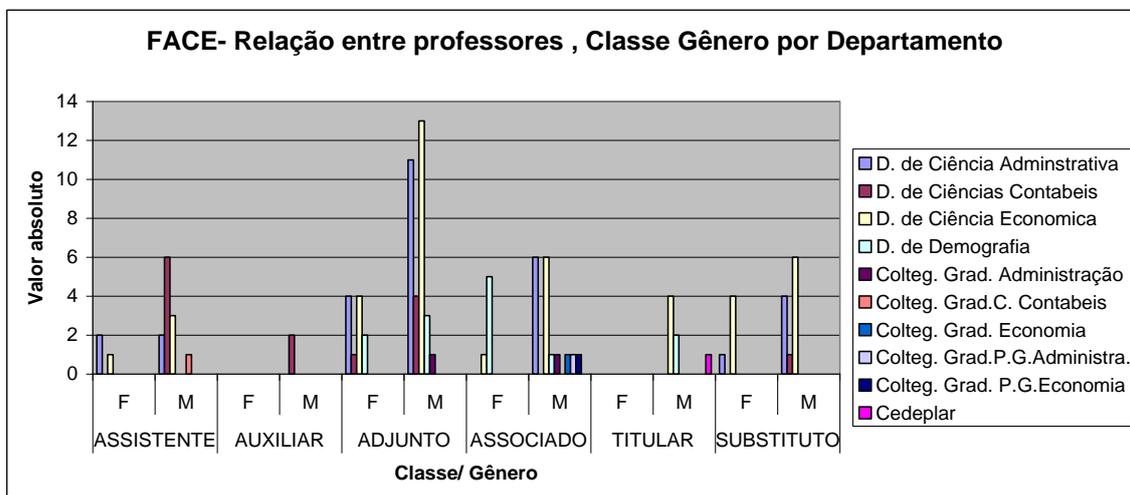


Esse gráfico apresenta um número superior de mulheres que são professoras Adjuntas, o que isso significa? Que há um número maior de doutoras no Departamento de Morfologia. E com exceção dos professores/as titulares, nos demais casos o número de mulheres nesse departamento é maior que o de homens. Neste caso existe apenas um professor do sexo masculino titular, ou seja, não existe professora titular nesse Departamento.

Outro departamento em destaque é o Departamento de Biologia Geral, onde há vinte e seis professores. Desse total quatorze são do sexo feminino e treze do sexo masculino. É interessante notar que entre os professores/as adjuntos há o mesmo número de homens e de mulheres, assim como entre os professores/as assistentes. No caso dos professores titulares, não existe nenhuma mulher, ao contrário dos professores substitutos no qual existem apenas mulheres. Entre os associados/as temos cinco professores do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Uma observação importante que não se encontra explícita nesses dados são referentes ao número de professores/as bolsistas em produtividade, no departamento de Biologia Geral, têm-se nove professores do sexo masculino e apenas uma do sexo feminino.

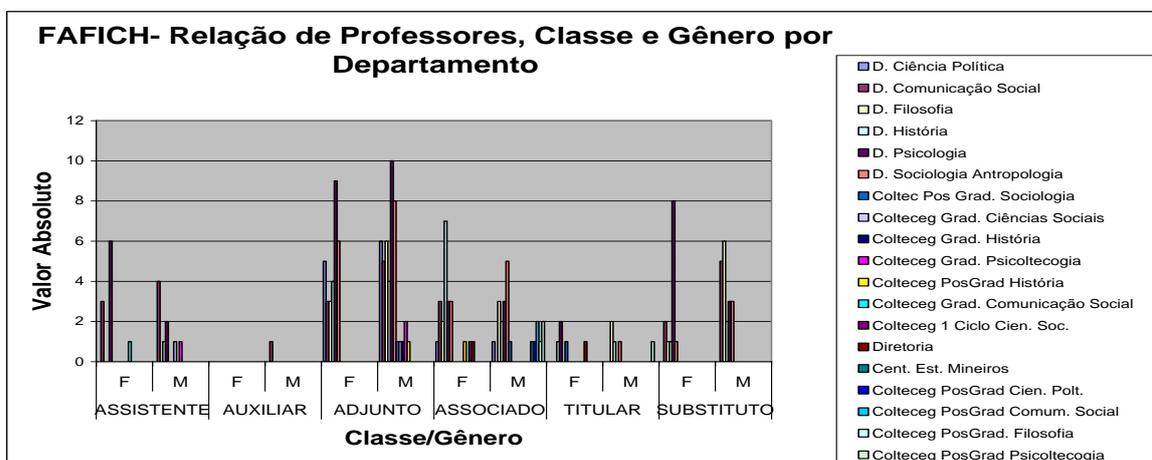
Na Faculdade de Ciências Econômicas como exposto no gráfico 6 o número de homens é superior ou igual ao de mulheres em todas as classes. Outra observação relevante é que na maioria das faculdades com relação a professores/as substitutos/as, o quadro é composto em sua maioria por mulheres, no caso da FACE até mesmo nessa categoria as mulheres estão em menor número. Dentre os professores/as bolsistas em produtividade a disparidade entre homens e mulheres é exatamente a mesma.

Gráfico 6



A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas é composta por seis departamentos num total de 181 professores, sendo 80 professoras e 101 professores. O Departamento de Psicologia é o maior agregando 46 professores/as, o que corresponde a 25% dentro dessa unidade. Apesar disso, não é o departamento que concentra o maior número de professores/as bolsistas em produtividade. Possui um total de 7 professores bolsistas, sendo 4 mulheres e 3 homens. As mulheres estão melhor representadas como bolsistas também em outros departamentos, como Comunicação Social (3 mulheres e 2 Homens) e História (8 mulheres e 4 homens). No entanto, nas Ciências Políticas não há nenhuma mulher e 3 professores bolsistas, na Filosofia há 8 bolsistas, sendo que apenas 1 é mulher e por fim a Antropologia que possui também 8 bolsistas, sendo que 6 são homens.

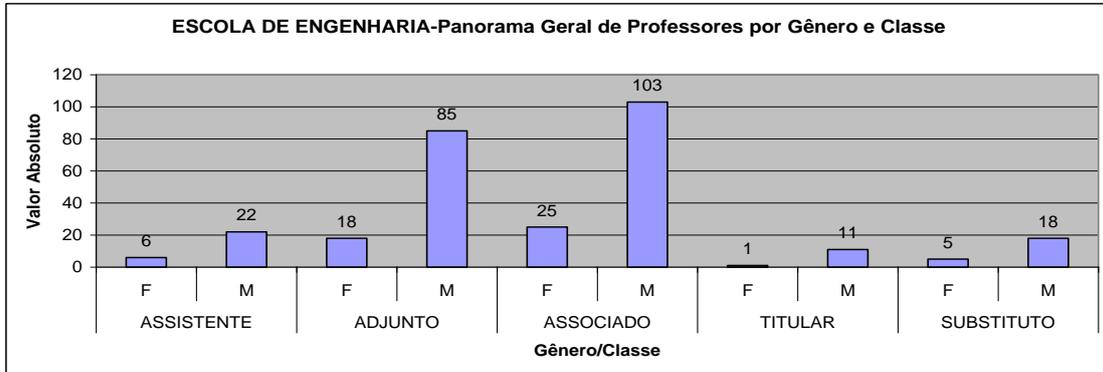
Gráfico 7



O gráfico sete permite visualizar a disparidade na distribuição de professores por departamento, com destaque para a Psicologia e a relativa equidade de distribuição entre as classes mais altas: Associado e Adjunto.

Na Escola de Engenharia há 13 departamentos e 294 professores/as. Desse total apenas 55 são mulheres e o restante, ou seja, 239 são homens. Quanto à distribuição das bolsas de produtividade, num total de 74 bolsistas, apenas 14 são mulheres. Muitos departamentos possuem apenas representantes homens, como é o caso das Engenharias de Minas, Elétrica, Eletrônica e Hidráulica. Ocorre uma única exceção, que é o caso do Departamento de Engenharia de Material e Construção Civil, em que há uma representante mulher e nenhum homem. Apesar de ser o maior departamento em número de professores, a Engenharia Mecânica possui apenas uma professora bolsista e três professores. Os departamentos que mais recebem bolsa são de Metalúrgica (16, sendo 4 mulheres) e Elétrica (14, sendo treze bolsistas homens).

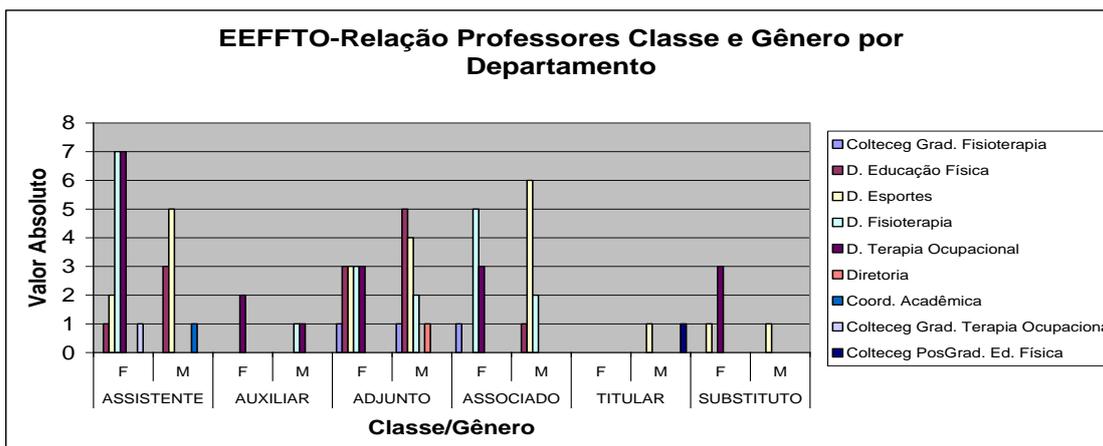
Gráfico 8



A análise do gráfico 8 permite perceber a quase inexistência de mulheres em algumas classes como Assistente, Titular, Auxiliar e Substituto e a representação ínfima nas outras (Adjunto e Associado). O departamento de Engenharia Mecânica merece destaque pois apesar de ser o maior departamento, com 42 professores, desse total há apenas duas professoras, que estão nas classes de Adjunto e Assistente, respectivamente.

Na escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional há 82 professores/as, havendo prevalência no número de mulheres, que corresponde a 56 em números absolutos, sendo 12 bolsas produtividade distribuídas entre 9 mulheres e 3 homens, corroborando a maioria feminina nessa unidade.

Gráfico 9



O maior departamento é o de Esportes, mas nesse há maior representatividade masculina, que corresponde a 17 professores de um total de 23. De um modo geral, há maior presença masculina nos departamentos da Escola de Educação Física sendo que a feminina se destaca na Fisioterapia e na Terapia Ocupacional. Ressaltamos que há significativa equidade na distribuição gênero e classe, mas com prevalência feminina nas categorias de Assistente e Substituto.

O avesso das coisas: Considerações Finais

A distribuição das bolsas em produtividades entre as pesquisadoras da UFMG traz alguns interessantes indícios a respeito da mulher na Ciência. A desigualdade está denunciada, mas o caminho da sua superação é um desafio no sentido do desconhecido, de redesenhar a Ciência e seu significado. Há algumas possibilidades perceptíveis no horizonte que indicam a necessidade de construções e (des) construções no cotidiano do fazer científico. Há que se reconsiderar as noções de Ciência e de Mulher nas suas polissemias, problematizando as concepções que configuram esses dois conceitos atrelados a uma ideia de essência. Há que se saber manejar a afirmação da diferença abrindo caminho para a igualdade, superando assim, a injustiça de gênero da academia brasileira. As desigualdades de gênero que permanecem no meio acadêmico brasileiro deve ser urgentemente interpelado, considerando que as mulheres constituem a maior parcela de graduandos e pós-graduandos das universidades brasileiras, superando nas últimas décadas o hiato de gênero na formação superior no Brasil. (ROSEMBERG; MADSEN, 2011).

Apesar das mulheres constituírem a maior parcela de concluintes de todos os níveis no ensino superior, ainda é minoria nos quadros docentes, conforme indica o censo do ensino superior publicado pelo MEC/INEP em 2012. Conforme ficou indicado nesse artigo, também estão em defasagem na distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa do CNPQ, o que aponta para complexos meandros que configuraram a relação entre gênero e o caráter da Ciência Ocidental. Um dos aspectos que devem ser destacados, diz respeito à linguagem, que possui função elementar que (re) produz reiteradamente as funções da mulher na academia, ainda regidas pela força do patriarcado. Mas é importante apontar também que é a linguagem uma grande possibilidade criar discursos libertadores que torne visível a alteridade a ser reconhecida e não dominada. Através do discurso científico é possível questionar a inserção da mulher na pesquisa, com as perguntas pertinentes. O uso desafiador e criativo desse recurso apontará a multiplicidade que o fazer científico expõe e omite, possibilitando novas conexões.

Os discursos de fundação da UFMG sugerem que a primeira linha abissal que

delimitou o caráter da instituição, comportou em seus limites apenas homens de ciência. A atual presença feminina na instituição por sua vez, pode indicar alguma forma de abalo de linhas abissais. Sendo assim, interessa, pois entender de que modo esse processo se deu para que seja possível uma ruptura radical com o pensamento abissal e a instituição de uma contra-epistemologia ou saberes ecológicos. Para a construção de pensamento pós-abissal, faz-se fundamental um fazer acadêmico-científico que preze pela co-presença radical das mulheres.

Referências

BRAGA, Mauro Mendes. PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. *Censo Socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BUTLER, Judith. *Problema de Gênero e a Subversão da Identidade*. London: Routledge, 1990.

CARVALHO, Marília Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 02, ago. 1996 .

CASTRO, Mary Garcia. Gênero e poder: leituras transculturais - quando o sertão é mar, mas o olhar estranha, encalha em recifes. *Cadernos Pagu*, Campinas , n. 16, 2001.

_____. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Revista Estudos Feministas* [On-line] 1992, 0 (-) : [Data de consulta: 20 / diciembre / 2012] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38126508005>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero, *Estudos Feministas*). p. 171-263, 2001.

FARAH, Marta Ferreira Santos. *Políticas Públicas e Gênero*. São Paulo. 2003. Disponível em: <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/cidadania/conselhos_e_coordenadorias/coordenadoria_da_mulher/Políticas_Genero_2.pdf>. Acesso em: 10 ago.2007.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados* [online]. v. 17, n. 49, p. 271-284. 2003. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40142003000300016

NIEDERAUER, Carlos Alberto Pittaluga. Avaliação dos bolsistas de produtividade em pesquisa da

engenharia de produção utilizando *Data Envelopment Analysis*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Florianópolis, 1998.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. v. 26, n. 52, p. 249-272. Doi: 10.1590/S0102-01882006000200011.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGYU, Jacqueline (Org.). *O progresso das mulheres no Brasil: 2003-2010*. Rio de Janeiro/Brasília: Ipeia/Unesco, 2011, v. 1, p. 390-433.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, *Revista Crítica Ciências Sociais*. n. 78, 03-46, 2007.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *A mulher frente à cultura da juventude: Reflexões Teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona*. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea* Organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. - Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, Ago. 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Galdino. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 2, p. 243-254, ago. 2008.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro et. al. *Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIANNA, Cláudia Pereira. (2001). A produção acadêmica sobre organização docente: ação coletiva e relações de gênero. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 77, p. 100-130, dez

*Recebido em 18 junho de 2013.
Aceito em 19 de novembro de 2013.*

VIVIANE ANGÉLICA SILVA

Doutoranda em Sociologia da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: vivianeangelica@usp.br.